



O REI MENOS O REINO¹

Reinaldo Bairãoⁱ

Dentre os livros de poesia ultimamente aqui aparecidos, é preciso reconhecer que "*O Rei menos o Reino*" (Edições Maldoror, outubro de 1951, São Paulo, de Augusto de Campos, é dos mais importantes. Trata-se de um aparecimento um tanto quanto fora do comum. O seu autor surge, ante os nossos olhos admirados, dono de uma originalidade e de uma maturidade poética que nem sempre encontramos em jovens escritores, ainda mais se lembrarmos que "*O Rei menos o Reino*" é um livro que reúne uma produção que vai de 1949 a 1951, período bastante fraco no que se refere a estreias na poesia nacional.

Na verdade, se quisermos localizar a obra do jovem poeta paulista, teremos que esmiuçar um pouco o aludido período de 1949-1951. De 1949 para cá, não conhecemos nenhuma estreia que possa ser tachada de marcante para a poesia nova brasileira. Nenhuma estreia foi verdadeiramente importante, como a de um Cabral de Melo Neto ou como a de um José Paulo Moreira da Fonseca. É verdade que nesse meio termo apareceram Elcio Xavier, Décio Pignatari, Geir Campos, Edson Regis, Haroldo de Campos e Thiago de Melo. Entretanto, com exceção de Haroldo de Campos e de Thiago de Melo, nenhum estava suficientemente amadurecido para causar algum espanto ou alguma polêmica; eles sabiam o que queriam, porém não conseguiram realizar o que desejavam realizar em sua totalidade; temos a impressão de que um excesso de sensibilidade (em Elcio Xavier e em Geir Campos) e de que um excesso de inteligência (em Décio Pignatari), em geral, foram as causas que prejudicaram a poesia destes estreantes, "malgré eux", excelentes.

¹ Publicado originalmente em "Letras e Artes", Domingo, 18-05-1952.

Ora, tanto Haroldo de Campos como Thiago de Melo não podem nem devem ser colocados num mesmo plano de igualdade com os demais. Thiago de Melo, se não fazia uso, em "Silêncio e Palavra", de uma originalidade que lhe não lhe era peculiar, preenchia essa possível lacuna com a mensagem consistente e pessoal de seus versos, enquanto que Haroldo de Campos, autor de "Auto do Possesso", muitas vezes se nos afigurava em todos os sentidos um esteta consciente, conhecedor do verso e da técnica do verso, provando desse modo que também um estreante pode possuir uma maturidade quase sempre somente alcançada aos trinta e cinco anos ou quarenta anos de idade (para tanto bastando lembrar do caso de José Escobar Faria, que estreou em 1948 com "Os dias iguais" depois de haver completado mais de trinta anos, dono do seu "métier" e sabendo até onde poderia chegar poeticamente falando).

Ora, tudo isso vem a propósito de Augusto de Campos, para nós, uma revelação. Como dissemos um pouco acima, "O Rei menos o Reino" se apresenta como um livro de estreia bastante raro. Seu autor, dono de uma grande originalidade e de uma maturidade pouco encontráveis num estreante, é, antes de mais nada, um pesquisador, com toda a paciência e ponderação que um pesquisador possui interiormente.

O livro se divide em duas partes bem distintas: "O Rei menos o Reino" e "O Vivo", tendo sido acrescido de uma "Fábula" (datada de 1949) e de um "Canto Primeiro e Último" (datado de novembro-dezembro de 1950). Curioso seria notar a diferença existente, tanto entre a primeira parte e a segunda do livro, como entre a "Fábula" e o "Canto Primeiro e Último". Essa diferença pode ser apontada não só no que se refere ao conteúdo propriamente dito, como também no que diz respeito à técnica empregada pelo poeta, demonstrando semelhante diferença a evolução que sofreu o nosso poeta dentro do seu próprio livro – de resto, um livro que nos oferece alguns versos realmente magníficos.

A primeira parte de "O Rei menos o Reino" nos parece mais espontânea, menos esquemática, mais experimental, porém de maior interesse emocional quanto a um tratamento de um mesmo tema. Versos como:

"Onde a Angústia roendo um não de pedra

Digere sem saber o braço esquerdo

Me sinto lavrando este deserto

De areia areia areba céu e areia"

nos parecem excessivamente herméticos para o leitor comum, mas de modo algum preciosos, tanto que eles nos comovem, dando, à nossa emoção, uma intensidade igual à espontaneidade que teve o poeta ao escrever esse admirável:

"De areia areia arena céu e areia."

Aliás, esse jogo de repetições é utilizado em outros poemas com a mesma felicidade.

Num final de soneto, Augusto de Campos levanta a questão da seguinte maneira:

"Dulcamara, porém, que fazes do ar

Quando começo: - mar ... apenas vento?

- Amara amara amara mar e amargura." ,

voltando a nos emocionar fortemente devido ao emprego certo de repetições sutis, que muito bem se enquadram à utilização de uma rítmica poligonal stravinskiana. Entretanto, achamos que não é a mais positiva característica de Augusto de Campos esse jogo de repetições que apontamos. Sua maior característica está numa espécie de jogo de antíteses (de contradições aparentes) que atravessará todo o seu livro de ponta a ponta. Justamente com esse jogo de antíteses é que o nosso poeta escreverá os seus melhores versos. Senão, vejam:

"Este é o reino do rei que não tem reino

E que- se algo o tocar - desfaz-se em pedra,

Esta é a pedra feroz que se faz gente

- Por milagre? de mão e palma e pele".

Semelhante sistematização do paradoxo voltará sempre a preocupar Augusto de Campos, fazendo da sua poesia algo contorcido e misterioso ao mesmo tempo. Se às vezes ele emprega

" Onde em forma de som perdeu-se o Canto

Que eu sei aonde, mas não ouço ouvir"

dando uma importância capital a esse "não ouço ouvir", outras vezes ele aproveita inteligentemente a sintaxe de alguns poetas portugueses contemporâneos,

realizando, com personalidade, versos de um sabor estranho, ainda que sejam versos de caráter intencional:

**"Este é o rei e este é o reino e eu sou ambos,
Soberano de mim: o-que-fui-feito,
Solitário sem sol ou solo em guerra
Comigo e contra mim e entre os meus dedos"**

Aliás, neste mesmo campo experimental, encontramos os versos que se seguem:

**"Já que eu não posso mais desencantar-te
Ao meu Canto que é antes Desencanto,
Encanta-me contigo
Morta e rainha à tua
Mais do que fala
Fábula."**

É também estes versos, de caráter positivamente experimental, que encontramos no poema V (à página 21), onde o poeta é absolutamente intencional, sem perder no entanto as suas peculiaridades e sem cair no fácil e no alusivo:

**"ANGÚSTIA: eis a flor marcada a ferro
Que um vento solitário, o DESESPERO,
Incrustou numa pedra nua, o TÉDIO."**

"O Vivo", a segunda parte do livro, caracteriza-se igualmente pelo referido jogo de antíteses, ainda que Augusto de Campos tenha abandonado quase que totalmente a experimentação vocabular, a experimentação sintática e a aliteração. Aos poucos a sua poesia vai ganhando em conteúdo, seriedade e maturidade interior o que vai perdendo em arrojamento e espontaneidade. Cada verso se nos afigura mais meditado e, talvez, por mais estranho que pareça, mais sentido – pois nem sempre ser espontâneo significa ser sincero e vice-versa.

Exemplificando o que afirmamos, transcreveremos o seguinte trecho de "O vivo", onde poderemos notar o jogo de antíteses aliado a uma esquematização do tema, o que será a melhor prova da maturidade a que chegou este poeta:

**"Não queiras ser mais vivo do que és morto.
As sempre-vivas morrem diariamente"**

Pisadas por teus pés enquanto nasces.
 Não queiras ser mais morto do que és vivo.
 As mortas-vivas rompem as mortalhas
 Miram-se umas nas outras e retornam
 Seus cabelos azuis, como arrastam o vento!
 Para amassar o pão da própria carne.”

Poderíamos, do mesmo modo, lembrar o leitor do “Canto do Homem entre Paredes”, onde encontramos versis vigorosos como estes:

“As paredes suportam meus pulsos de carne.
 As paredes se encaram.
 As paredes indagam seus rostos à cal
 E me riem perdido além do labirinto.
 [.....]
 As paredes não pagam. Caminham sobre mim.
 Sonham que eu hei de abri-las.
 Ignoro mas sei.”

“O Rei menos o Reino”, de Augusto de Campos, apesar de ter sido uma revelação para nós, vem confirmar o juízo que fazíamos deste jovem poeta, quando tomamos contato com alguns de seus poemas publicados esparsamente. Trata-se sem dúvida alguma de uma importantíssima estreia, que teria tido muito maior significado se tivéssemos uma crítica mais esclarecida e de maior boa vontade para com os verdadeiros valores da nova geração de poetas brasileiros.

ⁱ É poeta, tradutor e crítico, nasceu em São Paulo em 1926 e estreou em literatura com “Poesia muita, poesia nenhuma” em 1948. Seguiram-se os livros “43 Poemas em Prefácio” (1949), “O primeiro dia” (Orfeu, 1950), “Poema soturno de Minas Gerais” (1952), “Nosso teatrino de bonecos” (Melhoramentos, 1957), livro infantil escrito em parceria com Darcy Penteado. Publicou coluna crítica no jornal “O Semanário”.